

# humanitas

Vol. III

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HVMANITAS

VOLUME III



**COIMBRA**

MCML - MCMLI

jávamos vê-la aplicada a outros representantes da literatura cristã antiga, mormente da apologética grega.

À bibliografia erudita (pp. 125-126) poderia acrescer a síntese de G. Bareille, no *Dictionnaire de théologie catholique*, t. vi, 2<sup>e</sup> partie, cols. 2303-2306, Paris, 1947 (com referencias bibliográficas).

FREI DAMIAO BERGE.

LUIGI ALFONSI, «*Poetae novi*». *Storia di un movimento poetico*.

Collezione Filologica diretta da GIOVANNI BATTISTA PIGHI, Serie B, 5.

Como, Dott. Carlo Marzorati— Editore, [1045]. 205 pp.

Ao Prof. Luigi Alfonsi, da Universidade Católica do «Sacro Cuore», deve a historiografia literária de Roma conscientes interpretações originais de alguns problemas cuja revisão empreendeu. Da sua operosa produção crítica, enriquecida ainda no precedente número de *Humanitas* com sábias *Note proper^iane*, deixaremos agora os demais livros maiores

— *Albio Tibullo e gli autori del «Corpus Tibullianum», Lelegia di Propertio, Ermia filosofo*—, além de artigos sobre Calvo, Galo, Virgílio, Nepos, etc., para nos fixarmos somente no volume que intitulou de «*Poetae novi*» — *Storia di un movimento poetico*. Ai se condensa a história da «poesja nova», desde as origens alexandrinas até as derradeiras consequências, enxergadas porventura com demasiada agudeza a distancia tal, que «Lésbia se torna Beatriz, e o amor que era desvario pôde fazer-se prece» (p. 148).

Dada a escassa e fragmentária documentação textual que nos ficou da maioria dos *noui*, à análise individualizante das personalidades poéticas prefere o A., e muito bem, apresentar-nos em grandes quadros a sua actuação «nas recíprocas relações e interdependencias», a fim de «colher o respectivo processo formativo e simultaneamente notar o acento próprio que, na matéria e no género comuns, profundamente diferencia» cada poeta (pp. 7-8). A dificuldade, porém, está em determinar sem hesitação se este cantor, de que possuímos apenas meia dúzia de versos truncados e soltos, o é ou não de Eufóron, se aquele, quantitativamente não mais afortunado, cabe ou não no círculo de Lutácio Cátulo e portanto em certa medida contribuiria para instaurar em Roma o gosto helenístico, se aqueloutro recebeu ou não a inovadora influência, mais ou menos remota^desse mesmo gosto Para o decidir, o Prof. Alfonsi, que nos parece dis-

posto a conceder a este movimento literário a maior amplitude, recorre habitualmente a três espécies de testemunhos: ao reduzido espólio do próprio poeta, cujo exame é sempre subtil ; a referências, directas ou mediatas, dos representantes incontestados da «escola»; e a citações de gramáticos, em que a certeza pretendida possa inferir-se da conexão do nome de um *veoίτερος* com o nome em causa. Cremos bem que os resultados de uma investigação desta natureza, não obstante a lógica do processo e o valor das provas aduzidas, nunca será definitivo nem de molde a resistir à colisão de outras hipóteses que porventura venham a firmar-se em futuras descobertas.

Não é até difícil pôr-se à prova tal sistema com o recurso à demonstração por absurdo, que nas ciências matemáticas se usa. Assim, admitamos, por exemplo, que desaparecera o *De rerum natura*, salvo os poucos versos seguintes, que se incluem naquela meia centena de hexâmetros do livro π, tão oportunamente lembrados no presente estudo (p. 50) por reflectirem, ao que parece, a influência de Catulo:

*sedibus in curru biugos agitare leones* (601)

*Gallos attribuunt, quia, numen qui uiolarint  
matris et ingrati genitoribus inuenti sint,* (615)  
*significare uolunt indignos esse putandos  
uiuam progeniem qui in oras luminis edant.  
Tympana tenta tonant palmis et cymbala circum  
concaua, raucisonoque minantur cornua cantu,  
et Phrygio stimulat numero caua tibia mentis,* (620)  
*telaque praeportant uiolenti signa furoris,  
ingratos animos atque impia pectora uolgi  
conterrere metu quae possint numine diuae.*

Este fragmento, logo à primeira leitura, nos dissera tratar-se de alusão à deusa Cibele. E sem custo se associara ele em nosso espírito ao carne 63 de Catulo, onde se cantam os efeitos do alucinante culto da mesma divindade (1). Evidentes são os pontos de contacto: mito comum, de sabor

(1) Da leitura do c. 35 de Catulo é quase certo depreender-se que Cecilio celebrou também este mito, muito embora Pascoli pense que o *Attis* do Veronês era a obra que Cecilio declamava na presença da sua amada.

helenístico, idêntico metro, não diferentes palavras. Vemos, com efeito, em ambos os textos, o carro divino com sua parilha de leões, os galos ou galas bailando ao som dos atabales e dos címbalos ; vemos, em Lucrecio, um hexâmetro espondeaico (v. 615), denunciador de cunho alexandrino ; vemos, a indicar uma só fonte de inspiração, de um lado, o emprego de expressões como *tympana tenta, cymbala...* ; *concaua* (vv. 618-9), *caua tibia* (620), e, do outro lado, *terga taurei caua* (v. 10), *leue tympanum, cana cymbala* (v. 29) ; vemos, finalmente, nos dois poetas o recurso constante à aliteração (!): *tympana tenta tonant, cymbala circum ! concaua, cornua cantu*, no texto de Lucrecio, a corresponderem exemplos semelhantes no carne 63: *terga taurei, caua cymbala* (v. 2y), *properante pede* (v. 30), *uaga uadit* (v. 31), etc. Demais, Cornelio Nepos (repare-se que é um contemporâneo, não um póster), de cujas relações com os *noui*, principalmente com o Veronês, estamos informados, não associa os nomes de Lucrecio e de Catulo? Leia-se, com efeito, este passo da sua biografia de Ático (§ 12) : ... *L. Iulium Calidum, quem post Lucretii Catullique mortem nostram tulisse aetatem uere uideor posse contendere*. E não nos afirma o Prof. Alfonsi, baseado nos textos (p. 34), que *doctus* é uma espécie de epíteto comum, atribuído aos *νεώτεροι*? Pois bem: Lucrecio foi também considerado *doctus* por Estácio : *Docti furor arduus Lucreti* (2). E não acresce o facto, deveras significativo, da existência de um elo filológico a prender mutuamente os dois poetas contemporâneos de César — a doutrina de Epicuro (3), que, dando-lhes uma norma de existencia, a ambos afastou da vida pública ? Seria possível invocar ainda certa reiação de natureza ideológica e formal, já notada pelos críticos, entre o

(1) Não queremos de forma alguma apresentar o uso da aliteração como característica da « poesia nova », visto ser conhecido o largo uso que da mesma fez, entre outros, o velho Ênio, que nos legou até exageros como este :

*O Tite, tute, Tati, tibi tanta, tyranne, tulisti.*

Únicamente é nossa intenção aproximar aqui os dois textos em referência.

(2) *Silvas*, II, 10, 71.

(3) Cf. o que a pp. 75 afirma o próprio A.: «Tanto mais óbvia é a relação [dos *noui*] com o epicurismo quanto é certo que Filodemo tem nos seus epigramas motivos análogos aos de Catulo (A *P.*, 5, 24, e Cat. 85).»

*De rerum natura* e os Φαινόμενα de Arato, que Cícero verteu — e o A. nos ensina que a musa do Arpinate pagou tributo à «poesia nova» (i). Tudo isto são argumentos da índole daqueles a que recorre o Prof. Alfonsi para deduzir as suas conclusões. O que poderia inferir-se, pois, de tantas coincidências, senão que Lucrecio haveria pertencido à mesma escola de Catulo? E, todavia, não nos autoriza a supô-lo o conhecimento actual do poema, que, pelo contrário, se filia na tradição literária desse velho Enio,

*qui primus amoeno  
detulit ex Helicone perenni fronde coronam,  
per gentis Italas hominum quae clara clueret* (2),

de Ênio, cujo *Epicarmo* se encontra no caminho que levará à maior de quantas construções poéticas se ergueram com base num sistema filosófico. Inversamente, a poesia nova, como assevera L. A., «preferia à abstracção dos solenes ideais o concretismo, quiçá mais humilde, mas às vezes também mais rico, da vida quotidiana dos homens»(p. 39).

Dá-nos a presente *Storia di un movimento poetico*, em outros tantos capítulos, as quatro fases da evolução respectiva. Assim se consideram sucessivamente os *Precursores*, os «ÍVowí», os *Epígonos* e todos aqueles que, pelos tempos fora, foram mantendo, embora cada vez mais pálida, a chama da «poesia nova».

O cap. 1, consagrado aos *Precursores*, abrange dois parágrafos: num agrupa o A. em volta da figura central de Quinto Lutácio Cátulo os nomes que a sua investigação cuidadosa logrou incluir nessa roda erudita: Valério Edítuo, Pórcio Licino, Vulcácio Sedígito e Fúrio Anciate. Para o outro parágrafo desviaram-se aqueles dos precursores do movimento que

(1) Depois da *apostasia* de Cícero, Lucrécio, apesar do seu epicurismo — doutrina que não convinha a Cícero, como não convinha a Hortensio, nem a Mémio, nem a ninguém que pretendesse dedicar-se à vida pública—, ainda podia agradar ao grande orador *par la tenu&traditionnelle et pour ainsi dire classique de son art* (Jean Bayet, *Littérature latine*, 1945). Quanto à publicação do *De rer. nat.* por Cícero, várias hipóteses podem explicá-la, como as relações do orador com Mémio, dedicatário do poema (vid. Cíc., *Fam.*, xiii, 1), e — quem sabe ? — o propósito de opor um grande poeta mais tradicionalista aos *cantores Euphorationis*, que ele detestava.

(2) *De rer. nat.*, 1, 117-119.

não puderam ser compreendidos no círculo do vencedor dos Cimbros: Lévio Melisso, Gneu Mácio e Sueio. Foi baseado na interpretação dos fragmentos de Edítuo e de Licino, e em citações dos seus nomes juntamente com o de Cátulo, ocorridas em textos de Gélio e de Apuleio, que Luigi Alfonsi fez a referida inclusão, mas não sem admitir como probabilidade aceitável o haver transitado o segundo poeta da roda helenizante de Cátulo para o círculo rival e de tendência tradicionalista de Mário (p. 154),<sup>0</sup> duro Gaio Mário que lisonjeava a plebe com o afirmar que não sabia grego. E acrescenta: «Naturalmente o que importa é o gosto dos problemas literários, que emana do círculo de Lutácio : isto, porém, não significa de modo absoluto que Pórcio Licino e Vulcácio Sedígito nele fisicamente hajam tomado parte ou sempre tenham sido seus membros: pode muito bem ser que se entendessem porventura com adversários de Cátulo, mas sentissem ao mesmo tempo a influência da sua acção.» ( p. 14 )

Surpreende o Prof. Alfonsi as origens do «movimento», atribuindo a Cátulo papel adequado à sua acção iniciadora e normativa; mas acentua simultaneamente e com verdade que a literatura alexandrina não entrou em Roma, pela primeira vez, no círculo do mesmo Cátulo, porquanto se reflectia já em obras anteriores ( 1).

Na apreciação destes factos não devemos, porém, desintegrá-los do ambiente histórico respectivo — o que se faz no livro em presença —, sob pena de incorrer na falta de imputar-lhes significado estranho ao que realmente possuem. Acerca da introdução do helenismo — designamos também por este nome a corrente alexandrina, dado que é difícil distinguir limites cronológicos entre influência helénica e helenística — há que ter em conta as circunstâncias que a permitiram e favoreceram, ou sejam os sucessos que puseram em contacto Romanos e Gregos (2).

(1) Efectivamente, assim nos ensina Vincenzo Ussani, *Storia della letter atura latina nelle età repubblicana e augustea*, 1942: *Ennio [...]* *introduceva il culto di quella letteratura piiú intima e moderna che è l'aies-sandrinismo di fronte al classicismo greco* (pp. 1189-).

(2) A nosso ver, sobressaem três datas que separam outras tantas fases da mesma introdução, a qual^se não circunscreve afinal ao campo literário. São elas :

312 — Construção da Via Ápia, que estabeleceu relações rápidas com a Magna Grécia; pode até por isso afirmar-se que

Ao reportar-se aos epigramas de Cátulo e Edúto, salienta o A. a circunstância de os mesmos exprimirem, na primeira pessoa, sentir subjectivo. «São pois — conclui — uma primeira voz de personalidades que abertamente se patenteiam, e não meras comemorações de mortos ou inscrições funerárias, como os epigramas precedentes.» (p. 12.) Surge-nos, porém, a dúvida se, na poesia helenística, não encontramos epigramas ainda objectivos, mas já anunciadores desse *tom pessoal*. Não estarão neste caso algumas composições desse género em que o morto *fala* pela voz do poeta ? Sirva de exemplo esta peça anónima, incluída até há pouco na obra de Teócritos :

ΕεΓνε, Συρακοσιος rot, άντ,ρ -τοδ' εφίεται Ὀρζων  
 /ειαέριας υεθύων v.Υιδαυα νυκτος ιοις.  
 Καί \*γὰρ εγω τοιοῦτον ἔχω ποτυ.ον, άντι δέ γτολλάς  
 Ἐτραριδος οθνειαν κειυ.αι ε'φεσσάυ,ενος. (1)

Creemos até que o A. não andarão longe da nossa opinião, porquanto diz, a propósito da elegia: «Não é de excluir que o epigrama, especialmente o funerário, cuja espontaneidade e personalidade evita os espiendores ornamentais de qualquer espécie^ haja influído no sentido de fazer da elegia romana uma autêntica confissão da alma, segundo a feliz expressão properciana a respeito de Calvo.» (p. 67.)

Outro ponto de essencial importância na evolução para a «poesia nova» é a tentativa de modernizar a epopeia, atribuída no livro de que nos ocupamos a Fúrio de Ancio, sob o impulso de Cátulo e segundo o

foi Ápio Cláudio Cego o introdutor do helenismo em Roma.

146 — Conquista da Grécia pelos Romanos.

73 — Vinda de Parténio para Roma: data simbólica, pois até então os Latinos tinham ido à Grécia procurar modelos literários; agora, porém, é a própria Hêlade que vem oferecer ao Lácio a sua experiência poética.

- (1) *Avisa-te, estrangeiro, Orton de Siracusa :*  
*Por noite má não vás, tendo bebido.*  
*Pois tal sorte me coube; e em ve^ da extensa pátria,*  
*Por terra estranha envolto, aqui repouso.*

modelo alexandrino. Consistia essa tentativa em ultrapassar a experiência de Nêvio e Ênio, que haviam já caatado «factos coetemporâneos, mas seaipe em apêndice, em coasequência e depeadência de factos mais remotos». Agora, pelo contrário, «os acoateciaieatos históricos receates acham-se ao ceatro do quadro», coai exclusão de «todos os precedea-tes» (pp. 15-6). Devera a este respeito cousiderar-se um probleaia que, aão seado eaibora de solução possível em face dos documentos de que ho^e dispoaios, merece coatudo a aossa reflexão e por isso gostariaaios de ver referido na *Storia di un movimento poetico*. Coasiste o mesmo em saber se Aulo Liciaio Árquias teria coatribuído para a tentativa de Fúrio,— ao caso de este aão se ter limitado a seguir as pisadas de Ênio, como crêem alguas. Coata Cicero (1) — e L. A. aão se esquece de ao-lo recordar — que, além de uai poeaiia sobre a guerra de Mitridates e do beai calculado projecto de outro sobre o coasulado do seu patroao, o protegido dos Luculos celebrou a guerra dos Ciaibros, cujo termo vitorio-oso se deveu a Mario e Cátulo. Este último, acaso iasatisfeito com a obra de Árquias, coafonne sugere o A. (p. 16), acaso desejoso de obter da exaltação helénica dos seus feitos aiilitares coadigaa réplica aa líagua pátria, que aielhor os recomedasse à leaibraaca dos coacidadaões — como acreditaaios aós —, passou a redigir as memorias do respectivo coasulado, a fiaí de aiaís tarde serem postas em verso. Que estraaho paralelo descobrimos eatre este facto e a expectativa de Cicero acerca do mesaio Árquias ! Cátulo teve o poeaiia grego de Aulo Liciaio e preteadeu outro de expressão latiaa; o supreaio orador, pelo contrário, escreveu a própria epopeia *De consulatu suo* e ambicioaou que o seu coastituiate de um dia levasse ao orbe heléaico a memória das suas beaemerências para com a Roma reaascida sob o seu coasulado. Não se explicará este duplo empe-aho pela coasciência, que aos Romaaos haveria, de que só era possível atiaagir a fama uaiversal mediaate as duas expressões correspoadeates às culturas que eatão repartiaai eatre si o domíaio do muado ?

Em que medida se haraioaizavaai as produções desaparecidas de Arquias com os aovos rumos poéticos ? Por a boca do mesmo Cícero sabemos ter aquele sido seu mestre e iaiciador eai poesia, pelo que as pouco felizes teatativas métricas que empreedeu devem reflectir a oriea-tação e os easiaameatos recebidos. Ora, poetaado Marco Túlio à maaeira dos Alexaadriaos — ao poato de traduzi-los—, somos levados a supor que

(1) *Pro Arch.* y ix, 19-21.

as obras do mestre, seriam da mesma feição (1), o que não pode causar-nos surpresa, se atentarmos na origem grega deste poeta. Isto nos permite relacioná-lo com as inovações épicas de Fúrio — se elas, repetimos, tiveram feição helenizante — e porventura aventar a hipótese de uma contribuição positiva do primeiro para a tentativa do segundo.

No último parágrafo do capítulo a que nos vimos referindo, a actividade poética e gramática de Lévio Melisso mereceu as páginas mais argutas e pessoais das que neste livro denso procuram, através de uma documentação apropriada, se não a verdade, ao menos a verosimilhança dos factos. Na interpretação do conteúdo e do título de *Erotopaegnia*, com que se definem e aclaram as novas tendências literárias, usa L. A. do melhor da sua erudição e perspicácia. Assim, recorda os neologismos notáveis, as aliterações intencionais e out-ros recursos estilísticos por que o citado poeta busca e rebusca uma elegância que deixa entrever a escola de Catulo; considera também o tom satírico dos proémios que Lévio parece apor às suas peças dramáticas, com as quais defende a própria arte — processo que, apesar de utilizado já por Terêncio, o aproxima, porém, mais dos hábitos polémicos dos Alexandrinos; refere ainda a maneira como ele trata os assuntos míticos, dando-lhes expressão burguesa, com o que reduz a respectiva matéria a meros *lusas*; e detém-se finalmente em um dos aspectos mais decisivos da renovação pretendida por Lévio: a adopção da polimetria na erótica, género de forma epigramática entre os Alexandrinos.

Ao investigar as fontes dessa inovação fecunda em consequências para a lírica de Roma, relembra L. A. a tese a que poderemos dar o nome de «helenística». Segundo ela, talvez o poeta romano haja tomado a polimetria dos ἐπη'ράβυατα διάφορον uixpo>v e porventura dos bucólicos e dos μέλη de Calimaco, bem como dos carmes figurados de Simias de Rodes, semelhantes ao que Teócrito nos legou na difícil composição chamada

(1) Se bem que o dom de improvisação, em que Cícero o confessa exímio, contrarie até certo ponto aquele desejo de perfeição formal, penosa e longamente buscada, qualidade que o próprio Catulo encarece em Cina e era característica fundamental dos *noui*, isso não impede, todavia, que as suas obras *escritas* se mostrassem mais cuidadas e difíceis. Demais, não descobre Lenchantin De Gubernatis (*II libro di Catullo*, 194<sup>2</sup>/<sub>4</sub> p. ix) nas composições ligeiras do mesmo Catulo vestígios de improvisação — *sono versi che portano impresso un carattere di improvvisa<sup>^</sup>ione innegabile?*

Σόπιγξ. Oferece-nos depois uma «tese latina», preferível sem dúvida pelo facto de associar elementos mais próximos, tese que diz ter Lévio encontrado os modelos da polimetria na poesia dramática escrita na sua língua. Tornam mais provável esta suposição razões não já de ordem métrica, mas estilística, como, entre várias outras, o emprego de palavras de formação complexa, diminutivos, arcaísmos, etc., comuns à dramaturgia latina e aos carmes de Lévio. Mas, ao passo que impugna o parecer do seu compatriota Della Corte (1), partidário da filiação da polimetria em *cantica* e *deuerbia* próprios da comédia, o Prof. Alfonsi, autorizando-se com Frankel em bem fundados argumentos, inclina-se para uma influência dos *cantica* da monodia trágica romana.

No cap. II é que - entra o A. de apreciar o movimento poético do período cesariano a que na sua língua é tradição chamar-se *neoterico* (2).

Três são os grupos de *poetae noui* que o livro considera: Valério Catão e o seu círculo; o grupo em que se inclui Catulo; e Varrão Atacino.

Entre os problemas estudados por L. A., a respeito da actividade poética de Catão, conta-se o da natureza da sua *Lydia*, a que em geral se atribui conteúdo erótico. No caso de não ser a *Lydia* aquele idílio principiado por o verso

*Inuideo uobis, agri formosaque prata,*

que também serviu de avolumar a obra de Virgílio, consiste o problema em saber se o referido conteúdo amoroso era de carácter subjectivo ou se, inversamente, o poema cantaria assunto mitológico. A verificar-se a

(1) Em *Varrone e Lévio*.

(2) Não nos parece que esta palavra, baseada na conhecida referência ciceroniana, logre dar-nos uma ideia completa e exacta da índole da escola. «Poesia nova» é, com efeito, a poesia que em todos os tempos e em todas as literaturas se desvia por alguma forma da poesia que a precedeu, embora tal «novidade» não seja muitas vezes senão o resurgir de mais antigas experiências. Por outro lado, o epíteto *docti*, atribuído a estes poetas quase sem excepção pelos Antigos, como bem salienta o Prof. Alfonsi, igualmente não convém, porquanto já vimos que *doctus* foi ainda Lucrécio, além de que tal qualificativo apenas considera um dos aspectos dessa poesia—o epílio —, aspecto que não será talvez o mais característico nem por certo o prevalectente. Quem sabe se *poesia alexandrinante*, en! ve2 de *nova*, não diria mais, e mais precisamente, apesar de a inspiração respectiva não ser só helenística ?

hipótese primeira, «Catão haveria sido mestre de ambas as tendências da poesia neotérica: a mítica e a pessoal» (p. 37), uma vez que a sua *Diana*, que Cina elogiou, era um epílio consagrado a certa lenda mitológica de Creta. Daí o interesse do problema e o empenho do A. em resolvê-lo. Pensa ele que a *Lydia* seria obra concebida à semelhança da *Navwó* de Mimnermo ou da *Ajfrn* de Antímaco, «isto é, que, em volta de um nome de mulher, acaso da mulher amada, gravitassem histórias amorosas ou lendárias». Talvez. De Mimnermo, o primeiro autor em que a elegia é já poesia lírica (1), sabemos ser o único elegíaco admirado pelos Alexandrinos. Não custa a crer por isso que a *Lydia* fosse um eco da *Navwó*, na medida em que o amor do romano por uma Lídia hipotética possa comparar-se ao do heleno por a célebre flautista. Menos fácil, porém, de aceitar é a filiação da mesma obra na *A6&Y1* de Antímaco, pois isso como que significaria o termos de excluí-lo, ao menos nessa fase do seu labor literário, do número dos *nouí*. Não desconhecemos, com efeito, qual a antipatia manifestada por Catulo (2) acerca do *tumidus poeta* que no carne 95 aparece oposto precisamente a Cina, cuja *Zmyrna* o Prof. Alfonsi também admite como sendo do mesmo tipo da *Lydia* (p. 37). Era a *Aú<Sn* extensíssima colecção de elegias, onde em torno do seu amor pessoal o poeta lograra incluir e harmonizar (como depois Ovídio) quanto em matéria de fábulas mitológicas, inspiradas por idêntico sentimento, podia oferecer a imaginação alexandrina, num deslumbramento comparável ao das *Mil e Uma Noites*. E tanta e tão variada era a riqueza dos materiais acumulados na *Aú^yi*, que esta pôde ser utilizada por Agaiárquides como se fora mero manual de mitologia. Seria livro deste género a *Lydia* de Catão, *poeta nouus* ? Outra suposição nos resta do A., e esta na verdade grata ao nosso espírito : celebraria Catão «alguma lenda não conhecida nem difundida ainda entre os Romanos», como provavelmente — continua — a dessa misteriosa Ônfale, rainha da Lídia, que por acaso seria também referida por Luciano com as seguintes palavras: [Ηρακλῆς] εξαίρον ερια εν Λυδία, πορφύριζα ε^νδευκός και παιομενος υπο ττ,ς Οαφάλης χρυσω σαν δ άλω (*D. deor.*, 13) (3).

(1) Cf. Francisco Capello, *Historia de la literatura griega*, Buenos Aires, 1941, tomo 1, p. 144.

(2) Decerto recordado desse aforismo célebre, que lhe ficara de Calimaco : υ,ε^γγ βιβλιον τι ζυα κακόν.

(3) «Hércules fiava lã na Lídia, vestido de púrpura e açoutado por Ônfale com uma sandália de ouro.»

O parágrafo sobre «Catulo e os outros νεότεροι» confirma notavelmente as qualidades críticas deste professor, que em 30 páginas substanciais não se contenta com dar-nos a notícia de quanto neste campo tem apurado a investigação contemporânea : apresenta soluções pessoais para determinados problemas ou então, se a carência de provas não consente conclusão definitiva, uma hipótese sagaz aponta muita vez rumos ignorados e com eles novas possibilidades de investigação. Frequentes são também os motivos que nos dá de certos factos na aparência estranhos, conciliando-os com a nossa inteligência, por forma que em mais de uma ocasião nos maravilhamos de as coisas serem tão simples e nos acode à lembrança o ovo de Colombo. Recorde-se a propósito como em face das suas palavras se atenua a nossa perplexidade pelo facto de um Cícero e um Hortênsio, de tendências tão diferentes das de um Catulo e de um Cina, terem podido pertencer com estes à «escola nova», émbora fugazmente." É que «as ideias artísticas novas..., enunciadas sem rigores dogmáticos, favoreceriam a adesão de muitos a quem pareciam deixar vasto campo de acção e discreta liberdade de atitudes» (p. 47). Mas isto passava-se de começo, pois, «tomando progressivamente a escola neotérica maior consciência dos seus limites e das suas possibilidades, e dando-se a si mesma uma teórica e uma estética mais rígidas..., sucederam-se o rompimento e a cisão» (p. 4g).

Àqueles que poderiam supor que a «poesia nova» não é senão em Roma um eco da poesia helenística, ensinará L. A. que «os poetas novos, apesar da sua dependência do helenismo.. , souberam todavia temperá-lo e modificá-lo segundo uma harmonia espiritual que é própria apenas dos clássicos» (pp. 90-1).

Contrapõe o A. aos epigramas de Calvo, Cina e sobretudo Catulo as respectivas *nugae* polimétricas, as quais «não são mais do que *Ἰπυράματα διάφορα uirpwv*» (1), atribuindo a estas, «com a maior espontaneidade, a ressonância ou, melhor, o eco, quiçá longinquo..., de uma tradição indígena de natureza jocosa» (p. 52). Pena é que, neste ponto, o Prof. Alfonsi

(1) Vem a propósito recordar aqui o seguinte juízo de Lenchantin De Gubernatis, *op. cit.*, p. xxvi: *La polimetria degli alessandrini, di Catullo, di Orario non è dovuta al desiderio di sperimentare, per vana iattan^a,forme metriche ignote, ma risponde, nel più dei casi, al movimento delle immagini ed alio stato d'animo del poeta, ne estrinseca l'armonia interiore, fissa il ritmo con cui i sentimenti scoppiano dal cuore, concreta nel verso Velabora-pone fantastica.*

não chegue a fundamentar a sua interessante afirmação, pois isso viria evidenciar singularmente a contribuição original romana para esta poesia.

Definidas as diferentes tonalidades dos epigramas e das *nugae*, aqueles de feição mais literária e fria, parece inclinar-se o ilustre crítico\* — se bem compreendemos o seu pensamento — a considerar a colecção catuliana organizada na sua forma actual segundo um princípio cronológico, ao menos na sucessão das três partes em que a mesma é divisível e que porventura correspondem a outras tantas edições : *nugae*, epílios e epigramas. Assevera com efeito que os epigramas, «talvez obra de época já mais madura» (p. 54), são «a epígrafe da vida e da poesia de Cátulo, o último canto, colocados como estão no fim do *libellus*, antes do eterno silêncio» (p. 55). É claro que uma afirmação destas acha-se habilmente apoiada na interpretação primorosa da paisagem interna de umas e outras composições, mas não pode ser tomada num sentido absoluto, porquanto nos é lícito duvidar se todos os epigramas — considerando apenas estes — pertencerão ao período final da vida do poeta, visto que decerto não está neste caso o c. n.º 83, nem talvez os n.ºs 69 e 71, se é que os últimos se referem a Marco Célio Rufo.

Outras induções do A. são de molde a granjear inteira e por vezes calorosa adesão da nossa parte, não obstante a rareza documental em que se fundam, — tão inteligente, verosímil e sedutoramente nos são patentes ; u. g., o seguinte achado, a propósito da duplicidade episódica do carne 64, não raro aduzida como defeito : «há aí, em nosso entender, um eco e uma ressonância formal da técnica da *διπλὴ κωμῳδία* de Menandro, com que se varia e divaga em uma sequência de narrações, que, longe de enfadarem, constituem por assim dizer uma trama fictícia de cores e cantos.» (pp. 61-2.) Também julgamos tão feliz como arguta a sua asserção de que a elegia adquirira ao tempo de Catulo feição subjectiva e magoada por influência da antiga *nénia*, e que elegia e erótica se fundiram indissolúvelmente pela vez primeira em «data. memorável na história da literatura latina».

A individualidade poética de Catulo tem no livro o relevo que esperávamos. Todas as suas facetas, todos os seus meandros, todas as suas complexidades se dissecam, avaliam e explicam, desde a *nuga* espontânea e fugaz ao épilio rebuscado e culto, onde, apesar de tudo, «Catulo é sempre Catulo: é que depois de ter chorado, com olhos ainda lacrimosos, graceja e sorri festivamente, porque é jovem: e às Parcas atribui motivos de *fesceninna iocatio* (c. 64, vv. 379-80)» (p. 63). Aqui não logramos evitar

que o espírito nos fuja para outro poeta bem distante no espaço e no tempo, contudo semelhante ao Veronês pela natureza contraditória dos sentimentos que exprime: Heinrich Heine. Ignoramos se alguém atentou já no parentesco que os irmana, mas a verdade é que esse parentesco nos surge nesta ocasião com uma nitidez impressionante. Houve quem a Catulo comparasse Byron, mas no entanto com motivos menos fortes para o fazer. Como Catulo, Heine é de um lirismo intensamente afectivo e ao mesmo tempo de um vigor satírico indomável, que, depois de atacar os inimigos, não respeita nem poupa amigos, nem a pátria, nem os seus, nem finalmente a si mesmo. Compara Nerval as pequenas composições amorosas do *Interme<sup>o</sup>* ao Cântico dos Cânticos. Bem melhor as relacionara ele com as *nugae* de Catulo. Tal como Catulo, Heine em alguns poemas — *Atta Troll, Deutschland, etc.* — e mormente no *Livro de Lázaro*, «depois de ter chorado, com olhos ainda lacrimosos», ironiza e fere. E havendo atraído, com os recursos da sua arte, os mais nobres sentimentos de simpatia e compaixão sobre a cabeça de alguns dos seus heróis, tudo destrói no ponto culminante, com uma penada caricatural, satânica. Outras vezes, pelo contrário, eleva de súbito uma personagem cómica, grotesca, às sublimes alturas da tragédia. A intimidade quase familiar entre homens e deuses, que o Prof. Alfonsi nota no chamado epitalâmio às núpcias de Peleu e Tétis, igualmente a vemos nos versos de *Die Nordsee*, onde topamos os deuses de Homero a arrastarem a sua deca-dência pelas praias do mar do Norte e a entrarem em choupanas humildes de pescadores para com eles beberem ao canto do lume.

Nenhum aspecto ou característica, nada do profundo significado ou projecção histórica do movimento poético se omite neste livro. À apreciação dos *noui* propriamente ditos, no número dos quais se inclui também Varrão Atacino, objecto de um longo parágrafo, segue-se o estudo dos *Epigonos* (cap. m)—Propércio, Virgílio e Horácio incipientes, Galo, Vário, Rufo, Domício Marso, Asínio Polião e Mecenas. «A herança neotérica» é o titulo do cap. iv, e aí se estudam as influências da escola de Catulo sobre vários poetas que vão de Ovídio a Dante.

Temos salientado alguns aspectos comprovadores do muito saber e agudeza crítica na obra do Prof. Alfonsi. Que dizer agora da sua prudência, modéstia e probidade? Melhor que todas as palavras de louvor, apregoará tais virtudes um passo do seu livro, surpreendido no instante em que ele nos vai apresentar uma das mais luminosas sugestões. É o seguinte: «Se [no assunto a esclarecer] nos é lícito penetrar, só por via

hipotética, com a discrição que sente o contínuo receio de explicar mecânicamente factos de natureza espiritual. „ousaremos propor uma conjectura nossa...» (p. 67.)

É merce de tão nobres qualidades intelectuais e morais que o douto professor da Universidade Católica de Milão consegue dar-nos uma das histórias da «poesia nova» de Roma melhor documentadas e pensadas, e decerto a mais\* completa de quantas até hoje se escreveram.

AURÉLIO PEIXOTO PAIS TAVARES.

José Guillen, Pbro., — *Cicerón. Su época, su vida y su obra.*

«Estudios Clásicos Portuenses»: II) Serie Latina. — C) Estudios y Ensayos, vol. 1. Madrid-Buenos Aires-Cadiz, Escelicer, S. L., 1950. 293 pp.

D. José Guillén é professor catedrático e director da Faculdade de Humanidades Clássicas da Universidade Pontifícia de Salamanca. É, ainda, presidente da «Agrupación Humanística Española», instituição que está desenvolvendo intensa actividade, e vice-director e secretário da revista de estudos clássicos *Helmántica*, órgão ao mesmo tempo da referida Universidade Pontifícia e da referida «Agrupación».

Esta revista, de que já saíram dois tomos até à presente data e que veio juntar-se a outra importante publicação congénere, a revista *Humanidade*, órgão da Universidade Pontifícia de Comillas (Santander), distingue-se quer pelo valor do conteúdo, quer pelo método e eficácia das directrizes. Dois exemplos disso, logo no primeiro número: o artigo de abertura, da autoria do próprio D. José Guillén, sobre «Humanidades, filologia y lingüística», em que se estuda e define lúcidamente cada um destes conceitos, em si e suas relações, propondo-se finalidades e meios de as alcançar; e, logo a seguir, as «Normas metodológicas para *Helmántica* y sus publicaciones», redigidas por outro distinto latinista espanhol, o P.<sup>o</sup> José Jiménez Delgado, o qual sistematiza, em termos concretos, as condições rigorosamente científicas a que há-de subordinar-se a revista e qualquer produção destinada às suas páginas.

Mas, a par disso, D. José Guillén tem publicado valiosíssimos trabalhos no campo dos estudos latinos, não só trabalhos de natureza escolar, como uma excelente *Gramática latina*, já em segunda edição, uma *Clave del latín* e uma *Estilística latina*, senão também obras do mais elevado